

LEITURA E ESCRITA EM DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sonia Regina Thiago Bastos¹

RESUMO

Este trabalho destina-se a relatar uma experiência concernente a um projeto de leitura e escrita destinado a jovens e adultos, com aulas realizadas na Casa da Cultura da cidade de Além Paraíba - Minas Gerais. Desenvolvido por uma professora de Língua Portuguesa de uma escola de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do estado do Rio de Janeiro, a proposta, aberta às pessoas em geral, tem por base o histórico de fracasso escolar atribuído, ao longo da história, a indivíduos que tiveram que interromper seus estudos, bem como dificuldades de aprendizagem apresentadas por estudantes da EJA (RJ). Respeitando os diferentes tempos de aprendizagem, as aulas, com duração de uma hora ou uma hora e meia, são ministradas duas vezes por semana. Apoiado em Arroyo (2014, 2017); Bastos (2013); Freire (1987, 2005); Gentili (2012); e Nóvoa (2023), o projeto visa a: atender necessidades individuais; ampliar a ideia de espaço de aprendizagem; entender a relação entre fracasso e as trajetórias de seus(suas) integrantes; como eles(as) se veem em seus percursos escolares e pessoais; saber o que ex-alunos(as) e uma aluna da EJA(RJ), participantes deste projeto, pensam sobre o currículo da EJA e de que forma os estudos lá realizados os(as) ajudaram; os motivos para buscarem outro espaço de aprendizagem; e a importância da leitura e da escrita em suas vidas. Por meio da observação e do diálogo, chegamos a resultados parciais: a contribuição do espaço informal para a aprendizagem: as pessoas falam sobre suas dificuldades, descobrem-se capazes de aprender e sugerem conteúdos a serem estudados; e a compreensão sobre o impacto que a luta por sobrevivência causa na vida escolar.

Palavras-chave: Currículo, Espaço de aprendizagem, Fracasso escolar, Leitura e escrita.

INTRODUÇÃO

O Projeto Leitura e Escrita para Jovens e Adultos, trabalho voluntário, visa ao atendimento a pessoas que se apresentam com “dificuldades” de aprendizagem e, conseqüentemente, se encontram em distorção idade-série. Esses problemas educacionais graves e persistentes na escola pública têm guiado o desenvolvimento deste trabalho, iniciado no Atelier Feito Por nós, um espaço de artesanato e Arte, em 12/fevereiro/25 e, em março/25, devido a reparos estruturais nesse local, transferido para a Casa da Cultura de Além Paraíba (MG), espaço cedido pela Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo.²

O objetivo principal do projeto é mostrar que dificuldades de aprendizagem e fracasso escolar são questões atreladas a um processo de exclusão que vai além da escola. Para isso,

¹ Mestra em Educação e Professora da Escola Básica - Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), soniartbastos@gmail.com

² Em agosto de 2025, as secretarias dividiram-se em: Secretaria de Cultura e Turismo e Secretaria de Esporte e Lazer. Ambas continuam apoiando o projeto.

propõe o trabalho com leitura e escrita em um espaço não formal de educação. O diálogo foi elencado como elemento essencial, o que me permite, como professora mediadora, e aos integrantes refletirmos sobre: vivências pessoais e escolares; tentativas para retornar à escola; currículo; e a importância da leitura e da escrita.

Imagem 01: Aula no Atelier Feito Por Nós



Fonte: Acervo particular, 2025

Nos "históricos" apresentados, procurei investigar o que chamo de "lacunas" como auxiliares ao desenvolvimento do projeto: Como acessar e interpretar essas lacunas, ou seja, o que essas pessoas sentem que lhes falta? O que esta oportunidade representa na vida de jovens e adultos? Como ajudá-los a preencher esses vazios, ou seja, que materiais usar para provocá-los e trazer-lhes outras possibilidades?

Imagem 02: Aula na Casa da Cultura



Fonte: Acervo particular, 2025

Priorizar o diálogo, sempre, foi a resposta encontrada. Não só ao provocá-los, mas também ao demonstrar-lhes que o espaço é local de fala. Essa postura ajudou-me a perceber caminhos apontados em seus relatos: vontade de ler, escrever e realizar sonhos. Premência do resgate de suas humanidades,

DOS RELATOS AO RELATO DE EXPERIÊNCIA

As histórias dos estudantes revelam luta por sobrevivência, decorrente das condições socioeconômicas das famílias, e o não acesso a certos direitos, como leitura e informação - ressalto que os históricos escolares são semelhantes aos de seus pais. A negação de direitos, muitas vezes, dilui-se e dá lugar à culpabilização: “A culpa é minha mesmo”, disse-me um estudante³ que foi mandado para trabalho no campo aos sete anos de idade. Bastos (2013), em sua dissertação sobre fracasso escolar e distorção idade-série, confirma essa análise ao afirmar a existência de “[...] um jogo de culpabilização pelo fracasso escolar: ora o professor e a sua prática pedagógica, ora o aluno e sua condição social” (2013, p. 70).

Cientes de sua condição social, sabem-se “[...] *periféricos* na sociedade, na cidade, nos campos, nos espaços de moradia, de trabalho e até de educação [...]” (Arroyo, 2017, p. 9), e demonstram essa consciência em seus relatos e na satisfação por estarem participando de espaços destinados à arte. Também sabem que precisam encontrar caminhos, que acredito se revelarem à medida que ousamos “Construir outros espaços educativos”, mais livres, no sentido de rompermos com o tradicional e nos unirmos a outras realidades e a outras formas de ensinar-aprender (Nóvoa, p. 28, 2023). Suas histórias, portanto, confirmam que:

A exclusão é uma relação social e não um estado ou posição na estrutura institucional de uma determinada sociedade. Desse modo, os que estão excluídos do direito à educação não o estão somente por permanecerem fora da escola, senão também por serem parte de um conjunto de relações e circunstâncias que os alijam deste direito, negado ou atribuído a eles de forma restrita, condicionada ou subalternizada (Gentili, 2012, p. 80, tradução livre).

Considerando essa análise e as observações realizadas, tenho me perguntado sobre a nossa condição, por sermos guiados, muitas vezes, pela ingenuidade que nos impede de enxergar os problemas à nossa frente e, conseqüentemente, nos coloca “sempre na periferia de tudo o que tratamos (Freire, 2005, p. 103-104). A partir daí, tenho procurado me orientar pelos

³ O masculino foi usado para preservar os estudantes.

caminhos que cada encontro tem me proporcionado, para aprender, com eles, inclusive a respeito de alguns mecanismos que alimentam essa relação social.

METODOLOGIA

As aulas partiram da escuta, resultado das minhas provocações, com o objetivo de conhecer um pouco da trajetória escolar dos estudantes. Para isso, inicialmente fiz anotações de falas e observações. No decorrer dos encontros, fotos, áudios e vídeos passaram a guardar um pouco das histórias que comigo os estudantes compartilham.

Algumas delas surgem espontânea e recorrentemente, em forma de desabafos que me contam não saberem por que a escola lhes foi negada, e sugerem conteúdos que gostariam de aprender. Dessa forma, participam não só das aulas: são participantes de uma investigação que envolve fala-escuta-fala, cujos resultados orientam investigador e investigados para uma educação que se pretende iniciar em um espaço não formal.

Nosso espaço primeiro é a Casa da Cultura José Ruy da Cunha Moreira, localizada na Praça Presidente Vargas, 112 – Porto Novo – Além Paraíba (MG) – CEP: 36660-000, mas, como os integrantes demonstram interesses por diversos saberes, temos ampliado a ideia de espaços informais por meio de visitas a espaços de arte: Atelier Feito Por Nós (artesanato e arte), anexo à Casa da Cultura; Museu de História e Ciências Naturais de Além Paraíba, onde fizemos duas aulas; casa do escultor além-paraibano José Heitor da Silva.

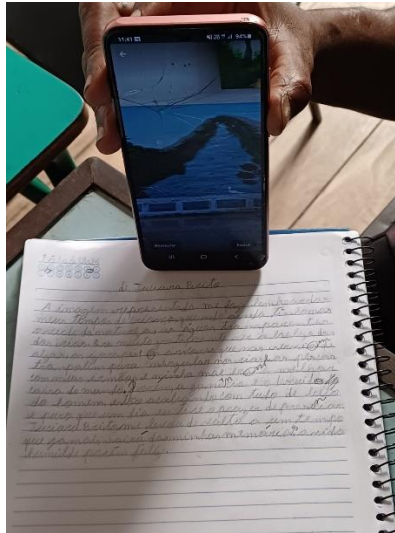
Imagem 03: No Atelier Feito Por Nós⁴



Fonte: Acervo particular, 2025

Imagem 04: Compartilhando arte

⁴ O estudante autorizou o uso de sua imagem.



Fonte: Acervo particular, 2025

Acatando sugestões e confiando na minha experiência como professora de língua e literatura, venho dedicando-me a trabalhar a leitura de textos de diferentes gêneros, incluindo livros de autores locais, e a escrita no papel, na madeira (esculturas), na tela.

Imagem 05: Na casa do escultor José Heitor



Fonte: Acervo particular, 2025

Nesses espaços de arte buscamos outras leituras, e as encontramos nas relações que os artistas estabelecem com suas obras.

A educação é em si artística. E a arte, quando ela desafia a curiosidade estética, o gosto da boniteza, ela é altamente pedagógica, entende? É interessante porque há umas relações, precisamente porque são relações que se realizam no corpo da natureza do

ser da prática educativa e que fazem com que as duas coisas que se relacionam sejam ora um caminho da educação, ora um caminho de si mesma. A educação vira caminho também. E quando alguém vem e diz: “E a especificidade?” Eu digo: “Olha, eu ando à procura de um sujeito que ache a especificidade absoluta da educação. Eu não achei ainda, e tenho procurado muito (Freire, transcrição de vídeo).

Imagem 06: Escritas na madeira



Fonte: Acervo particular, 2025

Estabelecendo relações de inclusão por meio da prática educativa, temos trilhado, os integrantes e eu, o caminho da leitura e da escrita desde fevereiro/2025, com o propósito de, em novembro/2025, relatarmos as experiências vivenciadas neste projeto a pessoas da nossa cidade. Experiências essas que gostaríamos de ter vivenciado em uma sala por nós idealizada.

Imagem 07: Aula no Museu de História e Ciências Naturais



Fonte: Acervo particular, 2025

Não ter conseguido a sala imaginada foi motivo de preocupação, já que um ambiente com livros, equipamentos como datashow, televisão e internet ao alcance de todos, para acesso a materiais complementares às discussões, seria mais inclusivo, e mais atraente. Oferecer uma educação voltada para a arte, para as diferentes realidades sociais é um de nossos objetivos. Mas, na ausência desses recursos, uso dados móveis para alguns acessos e compartilho o celular com os estudantes.

Outro ponto que entendemos como uma dificuldade para o desenvolvimento do projeto é a localização da sala: por sua proximidade com a cozinha e o banheiro, uma parte dela funciona como corredor por onde pessoas transitam durante as aulas.

A despeito disso, prosseguimos no exercício de ler e escrever, e no exercício, com os estudantes, de entendermos como se dá o processo de exclusão que vitimiza homens e mulheres: em um local de fala, as discussões surgem. Reporto-me, então, a Freire, ao chamar nossa atenção para “o conhecimento estritamente ingênuo da realidade”, que, para ser modificado, requer organização do pensamento, que precisa ser compartilhado, a fim de chegarmos à “crítica reflexão”, caminho para a libertação (Freire, p. 128, 1987).

O PROJETO GANHA VIDAS

Aberto à comunidade além-paraibana e também a pessoas do entorno, com atendimento individualizado ou em grupo e proposta de uma hora/aula semanal, o projeto iniciou-se atendendo ao pedido de um trabalhador, concluinte (2024) do ensino médio no Centro de Ensino de Jovens e Adultos do estado do Rio - CEJA Jamaparó (divisa com Além Paraíba). Ele buscava “(...) aula de caligrafia, preciso melhorar minha letra” (em 07/02/25, via WhatsApp).

Em março recebemos mais um estudante e, em abril, chegaram outros dois.

Seus “históricos” apresentam pontos em comum: trabalho no campo; trabalhar para ajudar a família; não ter frequentado a escola básica ou nela ter ficado por pouco tempo; vida escolar com histórico de interrupções, reprovações e desistências; matrícula na Educação de Jovens e Adultos (CEJA Jamaparó) – alguns casos com interrupções; aceleração de estudos na EJA do ensino fundamental I; dificuldade em leitura e escrita; ter aprendido a escrever o próprio nome bem tarde; o sonho de cursar uma faculdade, ou de apenas aprender.

A pedido do primeiro aluno, as aulas do projeto passaram a acontecer duas vezes por semana, com duração de uma hora e meia a duas horas. O atendimento é individual ou em

grupo, dependendo das necessidades – “dificuldades” de aprendizagem - e disponibilidade dos integrantes.

Nas entrelinhas dos relatos, há muito mais: lacunas que aguardam conteúdos negados: um dos estudantes sempre se surpreende quando levo questões sociais para discutirmos, por nunca terem conversado com ele sobre isso. Suas falas conduzem-me a refletir sobre educador e educando “sujeitos do processo em que crescem juntos [...]” (Freire, 2005, p. 68).

Assim vou aprendendo a colocar-me neste novo espaço, procurando apreender os elementos disponibilizados, a fim de encontrar respostas para as seguintes perguntas: “[...] Que significados formadores de-formadores esses personagens carregam? Que visão levam de si mesmos? Da cidade e dos campos? Como veem, experimentam, interpretam a cidade e se interpretam nela? Como veem o campo e se interpretam nele? [...]” (Arroyo, 2017, p. 23).

Acrescento: De que forma os estudos realizados no CEJA os(as) ajudaram? Que visão têm do currículo que lhes foi oferecido e o que modificariam nele se isso lhes fosse permitido? Que importância atribuem à leitura e à escrita? De que forma acreditam que o trabalho desenvolvido no projeto poderá impactar suas vidas?

O CURRÍCULO: ENTRE A ESCOLA E A VIDA

Refletir sobre currículo é de primordial importância para este projeto de leitura e escrita, não só para entendermos o que deixou de ser oferecido aos estudantes, mas, talvez e principalmente, para descobrirmos o que lhes pode ser oferecido em um espaço informal e, quem sabe, futuramente, nas escolas. Nossa intenção é que esta investigação possa colaborar para reiterar a necessidade de alterações nos currículos, ou na construção de “currículos”, de acordo com as necessidades individuais e locais.

Para essa reflexão, apoio-me em Bastos (2013), que, em sua discussão sobre distorção idade-série e fracasso escolar, nos apresenta alguns autores para a discussão sobre “Como pensar o currículo frente aos dilemas da exclusão social”. Dentre eles destacamos, para este relato:

A ideia principal é de uma educação que parte dos educandos. Fala-se muito que a escola e nós, educadores, giramos em torno dos educandos, mas na verdade giramos mais em torno dos conteúdos do que dos educandos. Então, um ponto fundamental é que deveria recuperar os educandos como foco central da educação [...] (Arroyo apud Bastos, 2013, p. 33).

As falas dos integrantes confirmam que a escola e os educadores giraram em outra direção, além de demonstrarem que os conteúdos que querem aprender não foram o foco, novamente da escola e dos educadores, em suas experiências escolares. São conteúdos padrões,

os quais se destinam aos indivíduos como se esses formassem um todo mecânico dentro de uma escola rígida, quando:

Enquanto categoria abstrata, instituição em si, portadora de uma natureza imutável da qual se diga é boa, é má, a escola não existe. Enquanto espaço social em que a educação formal, que não é toda a educação, se dá, a escola na verdade não é, a escola está sendo historicamente. A compreensão do seu estar sendo, porém, não pode ser lograda fora da compreensão de algo mais abrangente que ela – a sociedade mesma na qual se acha. A educação formal que é vivida na escola é um subsistema do sistema maior. As relações entre eles – subsistema e sistema maior – não são contudo mecânicas. Se não se pode pedir à escola, o que vale dizer, à educação formal, que se torne alavanca das transformações sociais, não se pense, por outro lado, que ela seja um puro reflexo do sistema que a engendra [...]. (Freire apud Bastos, 2013, p. 41)

Reporto-me, assim, a Gentili ao dizer-nos que “ a exclusão é uma relação social e não um estado ou posição na estrutura institucional de uma determinada sociedade. [...]” (Gentili, 2012, p. 80, tradução livre), ou seja, não é a escola, na afirmação de Freire, apenas um reflexo do sistema que nos envolve, pois não há educação separada da sociedade, do sistema maior ao qual nos submetemos. Necessário, então, “ pensarmos na relação entre escola, sociedade, sobrevivência e desigualdade e no funcionamento da instituição escolar dentro de uma dinâmica histórica provocada pela relação entre elementos aparentemente apartados. [...]” (Bastos, p. 42, 2013), mas que guardam relações entre a forma como os indivíduos e se apresentam.

Forma essa que passa pela subalternização, visível em nosso espaço de aula e decorrente de pedagogias cruéis, sobre cuja destruição Arroyo (2014) convida-nos a refletir. Entre nós, a reflexão acontece por meio da leitura e dos questionamentos. Aos poucos, a culpabilização vem cedendo lugar à discussão, e os resultados consolidam-se pela escrita.

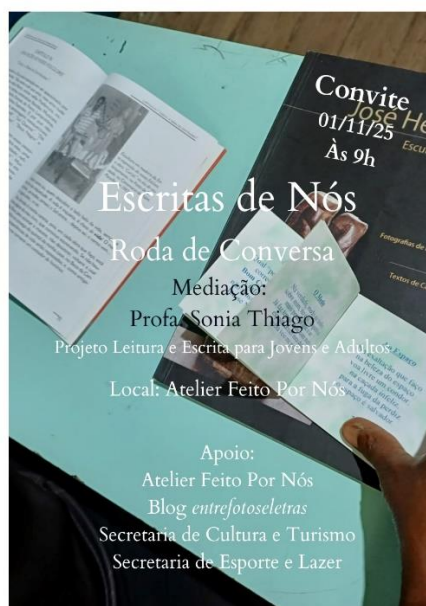
RESULTADOS

Ao longo do projeto, por meio dos relatos dos estudantes, constatei: culpabilização; sentimento de exclusão pela cor da pele; e pensar que poderiam “ser alguém” se a família soubesse da importância dos estudos. Do campo trouxeram experiências áduas, mas também aprendizados para sobreviverem. No que tange aos aspectos formadores, percebemos coragem para: trabalhar; sobreviver; e retomar os estudos.

Quanto aos estudos realizados no CEJA, há dois pontos a serem analisados: o primeiro é a oportunidade de frequentarem um espaço que acolhe e oportuniza a conclusão dos estudos, inclui de certa forma. O segundo: o currículo oferecido não trabalha para reduzir ou eliminar dificuldades de aprendizagem; não oferece leitura e escrita; não possibilita o aprendizado necessário e desejado. Exclui. Nele, os integrantes incluiriam leitura e escrita.

Entendem que saber ler e escrever fará grande diferença em suas vidas, por isso atualizam-se para chegar à faculdade, querem vencer outros obstáculos e acham que o estudo e a leitura nos tornam mais educados. Os resultados apresentados são satisfatórios. Três estudantes querem dar continuidade ao projeto em 2026 e um desistiu no meio do ano.

Imagem 07: Culminância do projeto



Fonte: Acervo particular, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediar o Projeto de Leitura e Escrita para Jovens e Adultos possibilitou-me desenvolver observações importantes para entender as relações sociais permeadas de problemas, e que se mostram em determinados espaços de diálogo. Parece, por exemplo, fazer parte da vida dos estudantes um esforço diário para se integrarem socialmente, isto é, se deslocarem de seus lugares e se sentirem parte da cidade. Isso é visível quando o contato com a arte lhes é permitido, seguido da revelação de nunca terem entrado em um museu, visitado uma exposição ou conhecido um artista.

Outros pontos observados: a determinação que a frequência às aulas requer, já que, algumas vezes, seus horários de trabalho coincidem com as aulas; e o cansaço, físico e mental, relatado por eles. A desistência de um integrante confirma a dificuldade enfrentada por homens

e mulheres para levarem adiante o propósito de permanecerem na escola. Reitera, também, a necessidade de uma sala apropriada, onde ficará mais fácil falar sobre pertencimento.

Essas observações confirmam a possibilidade de aprendizagem em um espaço não formal de educação e a ampliação desse espaço por meio do diálogo com a arte; e mostram a capacidade que um indivíduo tem de se reinventar: educador e educando ensinando-aprendendo-ensinando. Repensando dificuldades de aprendizagem e fracasso escolar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BASTOS, S. R. T. Do fracasso escolar à distorção idade-série: caminhos percorridos pelas classes de aceleração do Projeto “Acelerar para Vencer”. 2013. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Unoversidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/10142>. Acesso em: 11 abril 25.

FREIRE, P. A educação é em si artística [vídeo]. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/tata.fernandes.7/reels/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. Educação Como Prática Da liberdade. Rio de Janeiro. Paz e terra. 2005.

GENTILI, P. *Pedagogía de la igualdad*: ensayos contra la educación excluyente. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2012.

NÓVOA, A. Professores: libertar o futuro. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.